

Sarney é o mais atingido na disputa interna

● BRASÍLIA. A batalha pela presidência do Senado deixou grande número de feridos, numa prévia da disputa que o aliados travarão pela cadeira do presidente Fernando Henrique Cardoso. Sob a influência de um PSDB rachado entre aliados do ministro José Serra e do governador Tasso Jereissati (CE), PFL e PMDB protagonizaram uma guerra pelo comando do Legislativo. Enquanto o PFL, com o apoio de Tasso, jogava duro em defesa de José Sarney (PMDB-AP), o PMDB, aliado a Serra, se revoltou. Na contra-ofensiva, acabou atingindo Sarney.

Magoado, Sarney sabe que não foi apenas vítima das restrições do comando do PMDB, mas também do Planalto. Na noite de terça-feira, quando ainda sonhava com sua eleição, Sarney telefonou para o presidente Fernando Henrique pedindo que convencesse José Fogaça (RS) — cuja candidatura fora defendida pelo secretário-geral da Presidência, Aloysio Nunes Ferreira — a desistir da disputa. Fernando Henrique alegou que não poderia fazer isso até porque, se Fogaça retirasse a candidatura, outro integrante de seu grupo iria concorrer.

Sarney teve noção clara de que também não tinha o apoio da cúpula de seu partido na mesma noite, quando telefonou para Renan, que estava reunido com outros dirigentes do PMDB. Ele disse a Sarney que tanto Fogaça quanto José Alencar insistiam em apresentar suas candidaturas à bancada. Sarney pediu então a Renan que, para contornar isso, fizesse correr na bancada uma lista de apoio à sua candidatura. O líder se recusou e o diálogo morreu ali.

— Eu não posso fazer isso, presidente. Estou conduzindo o processo — alegou Renan.

Pouco antes, o ex-presidente se queixara ao líder de que seu nome estava sofrendo oposição da cúpula, especialmente do líder Geddel Vieira Lima (BA), adversário de Antônio Carlos Magalhães na Bahia. Renan acalmou Sarney, mas a suspeita tinha procedência. Mal o líder desligou, Geddel reiterou:

— Sou contra mesmo, não aceito o nome de Sarney.